Por Paloma Oliveto
paloma.oliveto@cbpress.com.br

Menos **selfie**, mais **self**

A sociedade vitoriana teve muitos hábitos que hoje nos parecem bizarros. Particularmente perturbadora foi a moda, introduzida pela rainha Vitória, de fotografar os mortos. Quando Albert morreu, em meados do século 19, a fotografia começava a se popularizar na Europa. Vitória pediu, então, que a imagem do amado fosse eternizada, no caixão.

Como tudo que o casal real fazia, não demorou para que os súditos endinheirados copiassem a tendência, adicionando detalhes mais bizarros. Muitos criavam cenas, nas quais o falecido era retratado como vivo, com placas de madeira e metal sustentando os corpos inertes. Quando impossível abrir-lhes os olhos, estes eram desenhados nas pálpebras.

Pois, hoje, pode-se até não fotografar os mortos, mas algumas pessoas desenvolveram um hábito tão ou mais grotesco quanto: selfie em enterro.

Há poucos dias, o **Correio** publicou fotos da cerimônia de despedida de um policial militar, morto em serviço. Enquanto o caixão era levado por colegas, duas mulheres posavam para selfies. Isso era o que se podia ver pelo corte da imagem — é até provável que outras pessoas tenham feito igual.

O que se passa na cabeça de alguém para fazer selfie com caixão? Já vi — e acho de extremo mau gosto — fotos parecidas, registradas em enterros de famosos. Não justifica, mas é um pouco mais compreensível, dada a obsessão que alguns têm com "celebridades".

A sociedade do selfie — definição do sociólogo norte-americano Jeremiah Morelock — é objeto de estudo de diversas áreas, com muitas teorias que tentam explicar um hábito que parece ter virado vício. Morelock atribui ao liberalismo e ao inerente individualismo a mania de se retratar o tempo inteiro. Há quem diga ser exibicionismo, narcisismo e busca por aceitação. Não existe resposta fácil e única.

Eternizar momentos em fotografias é um hábito que não só ajuda a relembrar, tempos depois, de fatos, lugares e pessoas. Do ponto de vista histórico, registros imagéticos do cotidiano são verdadeiros tesouros. Sempre gostamos de nos ver e, no caso de artistas visuais, de fazer autorretratos. O problema é quando isso vira obsessão. A ponto de, vez por outra, lermos notícias de pessoas que caíram em precipícios por causa de selfies.

Antes de se tornar sinônimo de autorretrato, selfie já tinha significados na filosofia, na psicologia e na pedagogia. Na psicanálise, trata-se da representação que temos de nós mesmos.

Em vez de tirar intermináveis selfies, talvez fosse hora de olhar para o nosso self e tentar descobrir o que tanto buscamos quando tanto nos mostramos.